

SAÚDE

“O sistema não está falido nem é um caos”

por Claudia Safatle
de Brasília

“O sistema não está falido nem é um caos. Isso é uma mentira.” Essa declaração, feita pelo ministro da Saúde, Adib Jatene, contradiz os diagnósticos recentes sobre a situação da saúde no Brasil. Mas não é só na declaração que Jatene difere dos demais ministros. Ele não está preocupado em brigar com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, por mais verbas. Prefere gerenciar melhor os recursos que tem. “Não posso ser um alienado. Não posso ver só o meu universo. Vim para o governo para ajudar e não para exercer uma pressão indevida”, arrematou.

O orçamento para a saúde neste ano é de R\$ 13,969 bilhões. Desse total, R\$ 3 bilhões vão para pessoal, R\$ 1 bilhão representa gastos de custeio e os quase R\$ 10 bilhões restantes são despesas com atendimento médico-hospitalar,

combate a endemias e recursos para a Fundação Fiocruz. Como há o controle de gastos na boca do caixa do Tesouro Nacional não necessariamente todo esse dinheiro será desembolsado.

“Há dificuldades, mas não é o caos”, garantiu o ministro ontem em conversa com este jornal. De 1991 a 1992 houve um brutal achatamento dos valores pagos para a consulta médica. Em 1976, o médico credenciado do Inamps recebia US\$ 5,00 por consulta. Em 1991 esse valor caiu para US\$ 0,60 e, hoje subiu para US\$ 2,00. Situação que gerou um círculo vicioso que o ministro começou a tentar romper: como os valores são baixos demais os hospitais superfaturam e, como superfaturas não sobra espaço para aumentar os valores das consultas nem da diária hospitalar. Saídas, assim que assumiu, de posse de dados de cada um dos mil hospitais da rede conveniada, em cada município do



Adib Jatene

País, Jatene simplesmente cortou em 50% os repasses para internações, as AIH (adiantamento de internações hospitalares).

Como dos mil hospitais, seiscentos estão reclamando dessa medida, o Ministério da Saúde analisa cada caso para detectar se eles têm ou não razão. Em média, pelos padrões internacionais, 8% da população de um município pode sofrer internação uma

vez ao ano. Aqui, há casos de hospitais que chegam a internar até 30% da população. Ou eles atendem a várias cidades ou distritos vizinhos ou estão superfaturando.

O ministro defende para o País um sistema de saúde misto. “Estamos procurando um modelo novo, de fazer justiça social dentro do sistema capitalista. Para isso é preciso que haja um “mix” de iniciativa privada e governo.” Isso não significa, porém, que ele aceita a abertura da área de seguros de saúde para o capital estrangeiro, como defende o ministro do Planejamento, José Serra.

O ministro da Saúde prefere não se posicionar a respeito dessa abertura antes de discuti-la com os demais membros do governo. Mas deu a pista de sua postura ao comentar a abertura comercial já realizada, “temos que defender os empregos da população. Não se trata de proteger a indústria, mas os

empregos. Governar não é ver o momento. É prever o futuro. Porque o México quebrou?”

Na avaliação de Jatene, a situação das endemias não é tão ruim quanto parece. Neste ano ele espera iniciar dois projetos de combate à malária e redução da mortalidade infantil que atinge quarenta crianças a cada mil que nasce.

A meta do Ministério da Saúde é de reduzir em 40% os índices de mortalidade infantil nos próximos quatro anos e diminuir em 50% nos próximos dois anos os casos de malária, que afetam a 500 mil pessoas no País localizadas principalmente em 650 municípios de nove estados da região Nordeste para o projeto de combate a mortalidade infantil, o ministro listou cinco pontos básicos de ação: ampliar o alcance dos exames de pré-Natal, engordar com mais alimentos alternativos o programa de leite, programas de imunização,

saneamento e a alocação de agentes comunitários, na proporção de 1 para cada 200 famílias, que acompanhariam a aplicação dos pontos citados acima, em visitas mensais.

A doença de chagas ainda mantém cerca de 6 milhões de doentes, mas a transmissão, pelo barbeiro, está praticamente erradicada em Minas Gerais, embora ainda persista nos estados de fronteiras (por que os países limítrofes não fazem campanha de erradicação do mal de chagas), segundo o ministro. Em São Paulo, onde o número de infectados já foi de 3% da população no passado, conseguiu baixar esse percentual para 0,6%. Jatene garantiu, ainda, que há cinco anos a poliomielite está erradicada, assim como o sarampo, mas ainda permanecem doenças como hepatite B e casos de lepra subiram na estatística por causa do diagnóstico precoce que se tem feito da doença nos últimos anos.